

---

**CONFERÊNCIA**

---

## **A Historiografia Mineira: Tendências e Contrastes**

Eliana R. Freitas Dutra  
UFMG

Em primeiro lugar eu gostaria de cumprimentar a diretoria do Núcleo Regional da ANPUH de Minas Gerais pela organização deste X Encontro que, numa feliz coincidência de datas, se realiza no ano da comemoração dos 300 anos de Mariana.

Foi com enorme satisfação que aceitei o convite dos organizadores para proferir esta conferência. Dada a relevância da temática central escolhida para nortear os trabalhos desse Encontro – A Historiografia Mineira –, achei por bem me ater à mesma e me propus fazer um balanço da Produção Historiográfica Mineira nos últimos 12 anos, na sua relação com a universidade, particularmente com os cursos de pós-graduação, no intuito de inventariar suas principais tendências e detectar possíveis contrastes dentro dessa produção. Parece-me que este é um momento bastante adequado para a comunidade dos historiadores avaliar o estado atual da arte das suas pesquisas históricas ainda que de forma restrita, dado o fato do levantamento a ser apresentado se limitar a uma mostra bastante específica da produção historiográfica mineira.

O período escolhido para o balanço proposto se relaciona a uma razão empírica, e de ordem prática: a publicação do levantamento da Produção Histórica no Brasil entre 1985 e 1994, levado a cabo pela ANPUH nacional, através do Projeto Pós-Graduação da ANPUH e administrado coletivamente pelo Fórum dos Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em História de todo o país, realizado no intuito de acompanhar, e registrar, a produção científica da área. Essa publicação contém os resumos de todas as teses e dissertações defendidas nos vários programas de pós nos últimos 10 anos. Esse material foi um dos suportes documentais que utilizei para os meus levantamentos sobre a historiografia mineira, ao lado do levantamento das dissertações de mestrado, elaboradas nos cursos de mestrado em ciência política e sociologia da UFMG, e das teses defendidas em programas de doutorado tal como o IUPERG, o Museu Nacional, e o de Ciência Política da USP. Também me vali dos registros da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, FAPEMIG, no tocante aos projetos

de pesquisa, apoiados por essa instituição, já concluídos e em andamento, e de do exame de periódicos tais como o Laboratório de Pesquisa Histórica, da UFOP, a Revista do Departamento de História e a Varia História, da UFMG.

Trata-se, portanto, de um levantamento ainda preliminar, e também bastante empírico, enfim, de um esboço de mapeamento que nem de longe pretende dar conta desse amplo conjunto que qualificamos como historiografia mineira onde, entendemos, devem caber pesquisas realizadas ou não nos centros universitários, de Minas ou fora de Minas Gerais, e que tenham como tema a História de Minas.

Um primeiro dado que nos chama a atenção diz respeito ao número de teses e dissertações que têm como fulcro fatos, eventos, processos e dinâmicas históricas situados na Minas colonial, provincial ou republicana, defendidas nos vários programas de pós-graduação do país. São 85 trabalhos distribuídos da seguinte maneira:

---

POR INSTITUIÇÕES:

USP: 21 {24,70%} - Mestrado: 10 {11,76%} - Doutorado: 11 {12,94} (01 de  
Ciência Política e 01 da ECA)  
PUC/RJ: 1 (mestrado) - 1,17%  
PUC/SP: 2 (mestrado) - 2,35%  
UNB: 1 (mestrado) - 1,17%  
UNICAMP: 8 {9,41%} - Mestrado: 5 {5,88%} - Doutorado: 3 {3,52%}  
UNESP: 3 (mestrado) - 3,52%  
UFF: 7 (mestrado) - 8,23%  
UFRJ: 1 (mestrado) - 1,17%  
UFSC: 1 (mestrado) - 1,17%  
IUPERJ: 1 (doutorado) - 1,17%  
MUSEU NACIONAL: 1 (doutorado) - 1,17%  
UFMG/História: 15 (mestrado) - (três não são específicos de História de Minas)  
17,64%  
UFMG/Sociologia: 13 (mestrado) - 15,29%  
UFMG/Ciência Política: 10 (mestrado) - 11,76%

---

Para um período de 12 anos esse total não é muito grande. São 69 dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado. Vale destacar que a USP concentra, em números absolutos, a maioria esmagadora da produção, em âmbito universitário, sobre a História de Minas seguida, respectivamente, pela pós-

graduação da UFMG, o mestrado de sociologia e o mestrado de ciência política. O número maior de dissertações e teses oriundas da USP se explica pela antiguidade e tradição da sua pós-graduação, já os números da sociologia e da ciência política da UFMG certamente expressam, em muitos casos, uma opção possível por parte de jovens historiadores, dada a ausência, durante muitos anos, de uma pós-graduação em História no Estado. No tocante ao aspecto geográfico chama a atenção a clara vinculação da produção historiográfica acadêmica de Juiz de Fora com a pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, e a de Uberlândia com a pós-graduação paulista, sobretudo da Unicamp, o que mostra que a presença do fator proximidade regional A surpresa aqui, nesse primeiro aferimento dos dados, são os números do mestrado da UFMG, que tendo iniciado seu funcionamento há exatamente 06 anos, contabiliza um número de trabalhos, mesmo excetuando-se aqueles não inteiramente voltados para a história de Minas, bastante significativo no cômputo geral, o que sinaliza, no curto prazo, para uma possível liderança na pesquisa da história de Minas realizada na pós-graduação, e a um aumento, em termos numéricos, da produção historiográfica mineira, conquanto se constitua, e se mantenha enquanto em pólo de atração.

Quando agrupamos as teses e dissertações por períodos históricos, ou melhor pelos séculos a que elas se referem encontramos uma concentração preferencial em relação ao século XX que decresce respectivamente nos séculos XIX e XVIII com os números seguintes:

---

NÚMERO DE TESES E DISSERTAÇÕES POR PERÍODOS HISTÓRICOS:

Século XX: 40 - 47,05%

Século XIX: 28 - 32,94%

Século XVIII: 17 - 20%

---

Acreditamos que em boa medida, a concentração da produção historiografia mineira neste século deve-se em boa parte ao peso, no conjunto, dos programas de pós-graduação da sociologia e política da UFMG. Isto se confirma, como veremos à frente, quando cruzamos as teses e dissertações por períodos e linhas temáticas. Aqui, aliás, surgem outras descobertas interessantes. Antes porém é preciso alertar para o critério utilizado para agregar a essa produção historiográfica universitária em linhas. Os riscos inerentes a essa tentativa de distribuição são grandes, pois algumas vezes as fronteiras temáticas, como veremos, são bastante tênues, os recortes nem sempre são muito claros, as abordagens não necessariamente canônicas, e os objetos extremamente

diversificados. Optamos, por se tratar de um levantamento ainda experimental, e mais empírico e menos substantivo, por agrupar as teses e dissertações em categorias mais gerais, e campos mais clássicos, tais como história econômica, história política, história social, história sócio-cultural, história demográfica, história da Igreja e história da ciência. Isto não significa que evitamos as discriminações dentro dessa categorização. Entretanto, achamos por bem, por exemplo, alocar dentro da História Econômica, os trabalhos dos autores que lidam com os âmbitos da produção, da comercialização, e com os fatores de produção como a terra, o capital, o trabalho. Já na História Política estão situados aqueles trabalhos que têm como objeto as instituições do poder público, os partidos políticos, as políticas públicas, o comportamento político, as relações de poder, a cultura política. Como História Social estão classificadas as obras historiográficas que contemplam as relações entre classes e as suas respectivas estratégias de poder, dominação, organização, bem como de resistência e acomodação. Dentro do recorte História Sócio-Cultural entendemos de situar autores e obras voltados para uma história cultural do social, ou seja, para a vida cotidiana; os modos de vida dos grupos sociais com seus sistemas de referência cultural, sua escala de valores ético-morais, seus padrões de ritualização e de simbolização, os seus mitos; as relações entre cotidiano e poder; a cultura material, a relação cultura e cidades; a instituição da vida privada; as relações de gênero; a produção cultural nos campos da literatura, música, arquitetura, pintura. Na História Demográfica os estudos de população, sua capacidade reprodutiva, sua estrutura ocupacional, familiar, sua organização em domicílios. Isto para exemplificar algumas discriminações consideradas. Voltando ao cruzamento feito entre períodos e linhas temáticas, encontramos, em meio a vários contrastes, o seguinte quadro:

---

TESES E DISSERTAÇÕES POR PERÍODOS E LINHAS TEMÁTICAS  
SÉCULO XVIII:

História Econômica: 02 - (11,11%)  
História Sócio-Cultural: 13 - (72,22%)  
História Social: 01 - (5,55%)  
História Política: 02 - (11,11%)

---

É praticamente desnecessário destacar a predominância absoluta de uma abordagem sócio-cultural, nas obras historiográficas sobre o século dezoito mineiro, sobre a história econômica, a social e a política que se fazem presentes no período em questão. Um dado interessante é que esses trabalhos são maciçamente

---

oriundos de programas de pós-graduação **em história**. Entre os trabalhos arrolados no campo da história sócio-cultural chama a atenção o interesse pelo estudo das práticas religiosas e devocionais no setecentos mineiro, pela pompa ritualística e a simbologia presentes nessas práticas, pela organização, e o estabelecimento de padrões de relação dos segmentos sociais frente a elas, bem como pelos valores culturais e morais que as informam e por sua vez repercutem na vida cotidiana, na esfera do privado, no mundo da família, nas relações de poder e nas manifestações artísticas. Para lustrar essas escolhas temáticas, vale a pena referenciar algumas dessas obras e seus respectivos autores, tais como: **A torpeza diversificada dos vícios: celibato, concubinato e casamento no mundo dos letrados de Minas Gerais (1748-1801)**, de Luiz Carlos Villalta; **Os símbolos da morte e a morte simbólica. Um estudo do imaginário na arte colonial mineira**, de Yacy-ara Froner Gonçalves; **A terceira devoção do setecentos mineiro: o culto a São Miguel e Almas**, de Adalgisa Arantes Campos; **Simbologia e luxo no Triunfo Eucarístico – Villa Rica-1733**, de José Luiz Dutra de Toledo; **O Sentido social da música em Minas Gerais do século XVIII**, de Domingos Sávio Lins brandão; **Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: Estratégias de resistência através dos testamentos**, de Eduardo França Paiva; **Vida em família: os caminhos da igualdade em Minas Gerais**, de Ida Lewkowicz, entre outros.

No século dezenove o quadro se altera bastante na direção de uma distribuição mais equilibrada e diversificada dos recortes temáticos. Embora significativa dentro do conjunto da produção do período, a história sócio-cultural compartilha sua influência com a história econômica, bem colocada, com presença expressiva nos oitocentos. É visível o crescimento numérico da história política e social através de obras de outra extração acadêmica, no caso da ciência política e da sociologia. Assim é que nos defrontamos com: a seguinte situação.

---

#### SÉCULO XIX:

História da Igreja: 01 - (3,57%)  
Demografia Histórica: 03 - (10,71%)  
História Social: 06 - (21,42%)  
História Sócio-Cultural: 07 - (25%)  
História Econômica: 06 - (21,42%)  
História Política: 04 - (14,28%)  
História da Ciência: 01 - (3,57%)

---

Nos trabalhos aqui considerados como de história social é visível o interesse pelo processo de constituição das classes sociais em Minas Gerais, bem como pelas relações sociais de dominação, particularmente as estratégias da burguesia mineira no campo do trabalho e da educação. Tal é o caso de **Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX**, de Cyntia Greive Veiga; de **Tramas e Fios: a fábrica têxtil em Minas Gerais**, de Heloisa Helena Pacheco Cardoso; **As origens da burguesia industrial de Juiz de Fora**, de Luiz Antonio Valle Arantes; **A economia da caridade: estratégias assistenciais e filantropia em Belo Horizonte**, de Marco Antonio de Souza. É como se esse trabalhos viessem se integrar, numa perspectiva complementar e combinada, aos trabalhos de história econômica que, por seu turno, se detêm prioritariamente na análise da constituição de uma economia industrial e de mercado, ou seja, capitalista, em Minas, vista nas relações entre cafeicultura e industrialização, capital agrário e investimento industrial, imigração e industrialização. Lembramos aqui os trabalhos de Anderson José Pires, **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora**; de Romilda Mourão Gontijo, **A parceria do café na Zona da Mata mineira**; de Francisco Eduardo de Andrade, **A enxada complexa: roceiros e fazendeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Próximo a esses eixos temáticos os trabalhos de demografia histórica trazem contribuições importantes para se entender a sociedade escravista, o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, bem como a disponibilidade e integração da mão de obra nas, e para, as atividades industriais. São exemplares, nesse caso as contribuições de Douglas Cole Libby e Tarcísio Rodrigues Botelho com seus estudos, respectivamente, sobre **População e mão de obra industrial na província de Minas Gerais**, e **Famílias e escravaria: demografia histórica no norte de Minas Gerais no século XIX**.

Já os trabalhos de história sócio-cultural, esses sofrem um interessante deslocamento temático: o alvo preferencial agora são as produções intelectuais, as práticas culturais e a cultura das cidades tendo como pano de fundo as transformações e as vivências urbanas na Minas oitocentista. Dentre eles destacamos **Noites Circenses. Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**, de Regina Horta Duarte; **A Europa dos pobres: o intelectual e o projeto educacional em Juiz de Fora na Belle Époque mineira**, de Maraliz de Castro Vieira; **Itinerários de uma cidade moderna**, de Letícia Julião; **Fé na modernidade e tradição na fé: a catedral da Boa Viagem e a capital**, de Marcelina das Graças Almeida.

Também a história política vai tomar as cidades como um referencial em torno do qual se constroem os novos padrões da sociabilidade política nos anos de passagem entre o império e a república, período esse privilegiado pelos pesquisadores. Nesta perspectiva se alinham textos como **A cidade paradigma e a república; o nascimento do espaço Belo Horizonte em fins do século XIX**, de Maria Ester Saturnino Reis, **Cidade capital e poder: políticas públicas e questão urbana na velha Manchester mineira**, de Sonia Regina Miranda; **A “Princesa de Minas”**: a construção de uma identidade pelas elites juizforanas. 1850-1888, de James William Goodwin Júnior.

Quanto ao exame da produção historiográfica mineira do século XX, quanto a períodos e recortes temáticos, se revela uma outra topografia de orientações e interesses, onde se afirma de forma expressiva o peso da história política e social dentro de uma perspectiva mais clássica. No caso da história política é significativo o número de trabalhos gestados no campo de orientação da ciência política, como veremos a seguir. Cumpre destacar, segundo o que os nossos dados apontam, que além da produção historiográfica mineira, produzida na pós-graduação, estar tão densamente concentrada no século XX, ao contrário do que pensam muitos colegas, as pesquisas têm priorizado a história do Brasil mais contemporâneo, particularmente da década de cinquenta em diante. Encontramos 23 obras voltadas para o período histórico dos anos cinquenta ao final dos anos setenta, contra 17 que estabelecem seus cortes temporais até o final dos anos quarenta. O interesse temático aparece agora concentrado nos partidos políticos, na atuação das elites mineiras na república, no exercício do poder político durante, e após o fim, do Estado Novo e durante os anos de funcionamento do regime autoritário instalado no Brasil pós-64, tal como expressos em trabalhos como **A política da gleba: as classes conservadoras mineiras. Discurso e prática na primeira república**, de Maria Auxiliadora Faria; **Corporativismo e cálculo político**, de Carla M. Anastasia; **Sirênico canto: Juscelino Kubitschek de Oliveira e a construção de uma imagem: 1932-1955**, de Josane Guerra Simões; **O PTB e os sindicatos**, de Lucília de Almeida Neves; **Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe militar de 64**, de Heloísa Murguel Starling; **Partido e sociedade, a trajetória do MDB**, de Rodrigo Patto Sá Motta; **Censura à imprensa no regime Brasileiro pós-64: seus fundamentos ideológicos e seus parâmetros políticos**, de Sulamita Assis Barbosa.

Quanto à história social, esta continua a seguir as linhas de interesse temático já apontadas no século XIX, a saber as relações sociais de dominação. A novidade é o acento nas estratégias de disciplinarização e de resistência, a inclusão dos pobres e dos sindicalizados no rol das tensões e enfrentamentos sociais.

Podemos citar nesse caso os trabalhos de Evantina Pereira Vieira, **Minas Gerais: a dominação burguesa – conflitos políticos e formas de dominação (1927-1940)**; de Maria Clara Thomaz Machado, **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada. Uberlândia-1965-1980**; de Maria Elisa Linhares Borges, **Utopias e contra-utopias; movimentos sociais rurais em Minas Gerais (1950-1964)**; de Julio César Buere, **A resistência da classe operária em Minas Gerais. 1930-1935**; de Terezinha Berenice de Souza Von Stralen, **Movimento Sindical dos bancários em Belo Horizonte (1932-1964)**; de Domingos Giroletti, **Fábrica, convento disciplina.**

No conjunto esses dados precisam ser ainda ser melhor cotejados, uma vez que do exame dos exemplares dos periódicos Laboratório de Pesquisa Histórica Revista do departamento de História e Vária História, encontramos uma situação inversa pelo menos no tocante à disseminação de resultados de pesquisa, com a predominância de artigos sobre o século dezoito mineiro, num total, nos três periódicos, de 39 contra 14 do século XX e 10 do século XIX. Como esse periódicos possuem um potencial indicativo para sinalizar uma produção para além da pós-graduação, permitindo inclusive acompanhar os desdobramentos temáticos das teses e dissertações, bem como a afirmação de linhas e lideranças de pesquisa, uma contrastação que os inclua e também aos anais de congressos e seminários da área nos permitirão uma conclusão mais sólida quanto a essas indicações.

Voltando ao século XX, os trabalhos estão assim distribuídos:

---

#### SÉCULO XX:

História Política: 13 - (37,14 %)

História Social: 10 - (28,57%)

História Sócio-Cultural: 09 - (25,71%)

História da Igreja: 02 - (5,71%)

História Econômica: 01 - (2,85%)

---

Convém registrar a opção de alguns historiadores mineiros em fazer, para além dos recortes temáticos indicados, uma história local que tanto pode tomar a forma de uma história social feita através de estudos de caso, como tem sido feito pelos historiadores de Uberlândia, quanto pode evoluir na direção de uma opção metodológica pela história regional, como já está sendo feito pelos historiadores de Juiz de Fora. Noutra direção, avançam na pós-graduação da UFMG, na História, na Ciência Política e na Sociologia, sobretudo com o advento do centenário de Belo Horizonte, os estudos sobre a história das cidades. Em todos esses casos

esboça-se uma possibilidade interessante no sentido da afirmação de linhas de pesquisa.

Para concluir eu gostaria de mencionar, e de fazer um breve comentário, para além da pós-graduação sobre alguns indicadores de pesquisas apoiadas pela FAPEMIG. Apesar do tamanho reduzido da amostra, dado o pequeno número de projetos apoiados no período examinado e a existência recente de uma instituição de fomento no estado, ainda assim parece-me significativa a evolução observada entre os projetos concluídos e os em andamento, no sentido de uma mudança de perfil dos projetos de individuais para projetos de pesquisa integrados e coletivos. Isto é o que pode assegurar, no médio prazo, a se manter essa tendência, a emergência de lideranças de pesquisa e uma maior integração entre os profissionais de história. Um dado positivo, a meu ver, é o investimento dos historiadores mineiros, não só das universidades mas também de centros de pesquisa tais como a Fundação João Pinheiro, em projetos de pesquisa básica, pelo potencial realimentador que esses projetos possuem para os estudos e pesquisas históricas feitos no Estado.

---

PROJETOS DE PESQUISA APOIADOS PELA FAPEMIG  
ENCERRADOS ENTRE 1991 E 1995

Fundação João Pinheiro: 02 - (20%)

UFMG: 06 - Departamento de História (5); Sociologia e Antropologia (1) - (60%)

UFOP: 02 - Departamento de História - (20%)

---

---

PROJETOS DE PESQUISA APOIADOS PELA FAPEMIG  
EM EXECUÇÃO

NÚMERO TOTAL DE PROJETOS: 13

PESQUISA BÁSICA: 06

UFMG: 07 - (53,84%)

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO: 01 - (7,69%)

UFOP: 04 - (30,76%)

UNIVALE: 01 - (7,69%)

---

Esses números, apesar de bastante modestos, ainda assim anunciam possibilidades de um enriquecimento da historiografia mineira, a qual tem encontrado nas universidades, e nos programas de pós-graduação brasileiros,

um espaço para crescer e se renovar. Eu penso que examinar esse crescimento e essa renovação é um exercício crítico ao qual nós não podemos nos furtar. O balanço aqui apresentado pretendeu assentar alguns parâmetros para que possamos continuar a realizar essa tarefa.